

FOLHA DOMINICAL

DOMINGO XI DO TEMPO COMUM



Primeira Leitura (Ex 19, 2-6a)

Naqueles dias, os filhos de Israel partiram de Refidim e chegaram ao deserto do Sinai, onde acamparam, em frente da montanha. Moisés subiu à presença de Deus. O Senhor chamou-o da montanha e disse-lhe: «Assim falarás à casa de Jacob, isto dirás aos filhos de Israel: 'Vistes o que Eu fiz ao Egito, como vos transportei sobre asas de águia e vos trouxe até Mim. Agora, se ouvirdes a minha voz, se guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade especial entre todos os povos. Porque toda a terra Me pertence; mas vós sereis para Mim um reino de sacerdotes, uma nação santa'».

O povo de Israel/Jacob chega ao monte Sinai (conforme anunciado em *Êxodo 3:12*: "Vocês prestarão culto a Deus nesta montanha"), onde ficam por quase um ano. O que foi anunciado como adoração, agora se torna obediência à voz do Senhor (escuta) e guarda da aliança (cumprimento). Os mesmos verbos (adorar-servir e guardar-cumprir) definem a missão de Adão no jardim do Éden (*Gênesis 2:15*). O Senhor formaliza a aliança, a sua promessa-compromisso com Israel. A fórmula da aliança soa assim: "Direi: 'Este é o meu povo', e ele dirá: 'O Senhor é o meu Deus'" (*Deuteronómio 29:12*; *Oseias 2:25*; *Zacarias 13:9*). A posse, nas alianças políticas, significava a riqueza dos reis. Ser "um reino de sacerdotes e uma nação santa" caracteriza Israel como distinta das outras nações, assim como os sacerdotes e as coisas sagradas se distinguem do restante. Nesta primeira leitura, o próprio Deus proclama ao povo de Israel que são um povo livre, um povo que Ele mesmo libertou do opressor e fez dele a Sua propriedade. No entanto, o povo deve obedecer e guardar a aliança para que Deus os considere um reino de sacerdotes e uma nação santa. Esta libertação total ocorre com a morte de Cristo, como nos diz São Paulo - Jesus morreu por nós, pecadores, para nos salvar, para nos libertar da escravidão do pecado e abrir o caminho da salvação para nós.

Segunda Leitura (Rom 5, 6-11)

Irmãos: Quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios no tempo determinado. Dificilmente alguém morre por um justo; por um homem bom, talvez alguém tivesse a coragem de morrer. Mas Deus prova assim o seu amor

para connosco: Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores. E agora, que fomos justificados pelo seu sangue, com muito mais razão seremos por Ele salvos da ira divina. Se, na verdade, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, depois de reconciliados, seremos salvos pela sua vida. Mais ainda: também nos gloriamos em Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem alcançámos agora a reconciliação.

Os capítulos 5-8 constituem a parte central da secção doutrinal da carta de São Paulo. Nesta, é-nos apresentado o amor de Deus como garantia da salvação. O tema é introduzido com algumas repetições que direcionam a atenção. Em 5:5, diz-se: "A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado". A leitura de hoje afirma que "Deus demonstrou seu amor por nós, enviando Cristo para morrer por nós, mesmo sendo nós ainda pecadores". A afirmação anterior fica completa, insistindo no amor de Deus, através de seu Filho. Em 5:2, é dito: "Por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus". Na leitura de hoje, enfatiza-se a esperança nascida do amor. As repetições servem para aprofundar no mistério de Cristo. A "reconciliação" com Deus (sendo declarados justos) representa um passo que leva ao próximo: a "salvação". O crente toma como modelo para a sua jornada o caminho de Jesus, que passa da morte (o meio para reconciliar com Deus) para a vida (a condição pela qual somos salvos): "Se, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, quanto mais agora, estando reconciliados, seremos salvos por sua vida!". A gratuidade do gesto do Pai-Filho-Espírito exige a gratuidade da fé: o pecado provoca a fraqueza humana, a falta de eficácia para nos aproximarmos de Deus, por isso, é Ele quem se aproxima de nós (amor não motivado por qualquer mérito).

Evangelho (Mt 9, 36 – 10, 8)

Naquele tempo, Jesus, ao ver as multidões, encheu-Se de compaixão, porque andavam fatigadas e abatidas, como ovelhas sem pastor. Jesus disse então aos seus discípulos: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara». Depois chamou a Si os seus doze discípulos e deu-lhes poder de expulsar os espíritos impuros e de curar todas as doenças e enfermidades. São estes os nomes dos doze apóstolos: primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu,

e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi quem O entregou. Jesus enviou estes Doze, dando-lhes as seguintes instruções: «Não sigais o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Ide primeiramente às ovelhas perdidas da casa de Israel. Pelo caminho, proclamai que está perto o reino dos Céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, sarai os leprosos, expulsai os demónios. Recebestes de graça, dai de graça».

O Evangelho desta semana apresenta-nos dois temas centrais: a misericórdia de Jesus (9:35-38) e o chamamento e envio dos discípulos (10:1-16). Estabelece-se uma forte ligação entre a missão dos discípulos e a misericórdia de Jesus. A misericórdia é expressa através daquele que vem apascentar as “ovelhas sem pastor”. Ezequiel havia denunciado os pastores que se cuidavam apenas de si mesmos, que exploravam brutalmente as ovelhas e as abandonavam; o Senhor tiraria as ovelhas das suas mãos e Ele mesmo cuidaria delas, especialmente das mais desfavorecidas (Ez 34; nesse contexto, leia-se Mt 10:16 e Jo 10:10-13). Jesus exerce o papel de líder do Senhor em favor das “ovelhas perdidas” (cf. Nm 27:17; Mt 15:24). A imagem da colheita também expressa a misericórdia do Senhor. A “abundância” da colheita enfatiza a abundância da gratuidade (sinais da proximidade do Reino: Mt 3:2). A oração é entendida como disponibilidade para a missão. Alguns dos discípulos tornam-se apóstolos (os “enviados”, termo pouco usado nos evangelhos: Mc 3:14; 6:30; Lc 6:13; 9:10; 11:49; 17:5; 22:14; 24:10).

Deus nas letras humanas

És tu que estás

És tu que estás à transparência das cidades

Vê-se o Teu rosto para além dos bairros interditos

O mal palpável próximo insistente

Parece tornar-Te evidente.

Sobe do destino uma sede de Ti.

Não somos só isto que se torce

Com as mãos cortadas aqui.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Avisos Paroquiais | 18 a 25 de Junho

18 | XI Domingo do Tempo comum

- Dia paroquial da Família

21 | Quarta-feira

- Plenário do Conselho paroquial Pastoral | 21:30

24 | Sábado

- Confissões e preparação para a profissão de fé dos pré-adolescentes do 6º ano
| 10:00

25 | XII Domingo do Tempo comum

- Profissão de fé para os pré-adolescentes do 6º ano | 11:00